

Istoé

23/7/1986

### Cenário fumegante

#### *Onda de greves no rescaldo de Leme*

O ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, praticou na semana passada uma curiosa ginástica estatística. Pressionado a revelar qual o real impacto que a atual epidemia de greves estava causando ao Plano Cruzado, o ministro começou pelas más notícias. Em comparação com igual período do ano passado, o número de greves aumentou em 40%. A boa nova, segundo o ministro, é que as paralisações encolheram substancialmente na duração — por volta de 55% a menos —, de maneira que até se poderia contabilizar um lucro em relação ao ano passado. Ao final da semana, a otimista conta de Pazzianotto, preparada mais para apaziguar os ânimos e facilitar as negociações, vazava em todas as colunas. Uma soma aproximada feita na quinta-feira já registrava 60 mil trabalhadores de braços cruzados em todo o país, no que pode ser apenas uma pálida imagem da ofensiva prometida para as próximas semanas pelas duas grandes centrais sindicais brasileiras, a CUT e a CGT.

Rivais quando tratam de disputar o domínio sindical dos trabalhadores, as duas centrais concordaram na semana passada em sincronizar suas reivindicações, crentes que o momento é mais que adequado para esse tipo de pressão. De fato, nunca esteve tão alto como agora o poder de barganha dos trabalhadores: as empresas estão com muitas encomendas, baixos estoques — devorados na febre consumista deflagrada pelo Plano Cruzado — e, além disso, penam uma drástica escassez de mão-de-obra qualificada.

Quietamente, sindicalistas de São Paulo fizeram farto uso desses trunfos nas últimas semanas. Apenas nos últimos 45 dias, e somente na cidade de São Paulo, cerca de setenta empresas foram dobradas em acordos isolados, concedendo aumentos salariais que vão desde 5 a até 50% — um rasgo de generosidade que só tem explicação no inesperado faturamento que vem assolando as carteiras de encomendas das indústrias depois do Plano Cruzado. "As greves não são contra o Plano Cruzado", explica Joaquim dos Santos Andrade, o "Joaquinzão", que desde a semana passada dedica tempo integral à direção da moderada CGT. Desde março passado, quando Joaquinzão ainda acumulava o posto com o de diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, foram organizadas 133 greves. "As greves são contra os baixos salários e os altos lucros das empresas", diz Andrade. Com ele concorda Antônio Toschi, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, para quem o congelamento de preços deve ser mantido, sem sofrer o repasse dos aumentos salariais já concedidos. No próximo dia 26, Toschi e Andrade vão liderar uma manifestação de trezentos sindicalistas numa demonstração pública de que não pretendem torpedear o Plano Cruzado.

Dessa iniciativa não vai participar a CUT, que vê no plano governamental apenas mais uma forma de arrocho salarial. Caudatária do Partido dos Trabalhadores, que vê suas chances eleitorais de novembro diminuídas com o sucesso do Plano Cruzado, a CUT está intensificando sua ofensiva em todas as frentes. Nesta segunda-feira, quando o ministro Pazzianotto se encontrar com dirigentes sindicais da CUT, estes provavelmente vão recusar um pedido de ajuda para a queda-de-braço que o governo vem mantendo com os empresários sonegadores e violadores do congelamento.

Navegando nessa mão única, na ambição de tentar conseguir vitórias políticas tanto sobre o empresariado como sobre o governo, a CUT vem colecionando, nas últimas semanas, vários furos abaixo da linha-d'água. O maior desses rombos, que tende a alargar-se progressivamente até novembro, época fatal das eleições, ainda fumegava na semana passada em Leme, no interior de São Paulo, onde uma greve de canavieiros bóias-frias foi

interrompida sexta-feira, 11, por um incidente em que morreram um trabalhador e uma doméstica.

Desde o momento em que foram disparados os primeiros tiros contra os bóias-frias de Leme, o PT parecia fadado a pagar a maior parte da conta de sangue do episódio, sendo ou não inocente no caso. “As consequências desse episódio podem ser grandes para nós”, admite Valentim Ferreira, comerciante de 36 anos que dirige os 142 filiados do PT em Leme. “Montou-se uma farsa para jogar o PT contra a opinião pública. Nos primeiros momentos a classe média ficou muito chocada”, lamenta Ferreira. De fato, mesmo antes de todo o incidente ser conhecido, o PT já atraía um foguetório para o qual não estava preparado. O ministro da Justiça, Paulo Brossard, que deveria preservar sua autoridade evitando emitir sentenças antes do fim do julgamento, deu o chute inicial, ao endossar publicamente a tese de que os disparos fatais em Leme haviam partido de um carro Opala azul pertencente à Assembléia Legislativa e posto a serviço de deputados do PT. Ao longo da semana, a polícia de Leme, na qual Brossard confiou para emitir seu precipitado veredicto, meteu-se numa fieira de equívocos e trapalhadas sem tamanho.

Peritos locais esqueceram-se de juntar aos laudos a bala que havia atingido a doméstica Sibely Aparecida Manoel, uma das duas vítimas do tiroteio. O secretário de Segurança de São Paulo, Eduardo Mulyaert Antunes, passou o constrangimento público de tomar conhecimento da existência do projétil através do candidato ao governo do Estado pelo PT, Eduardo Suplicy. Também os depoimentos das testemunhas, tomados ainda no calor da refrega, acabaram naufragando pouco mais de 48 horas depois, eliminando a certeza que se dava dos tiros terem partido de dentro do Opala azul. Até o fim da semana, a polícia de Leme nem havia conseguido se livrar da crescente suspeita de ter sido a autora dos disparos. Quase dez dias depois do sangrento incidente, travada em incompreensíveis meandros burocráticos, a PM ainda não tinha conseguido analisar as armas dos policiais presentes ao tiroteio e agarrava-se ao frágil argumento de provar a culpa dos deputados do PT por terem eles usado chapas frias os canos da Assembléia.

“Foi uma imprudência”, admite agora o deputado José Genoíno Neto, que estava presente juntamente com o deputado Djalma Bom no momento da fuzilaria. “Na Assembléia Legislativa todos têm direito a uma chapa oficial e outra amarela. Não estávamos nos escondendo, tanto que nos identificamos para os policiais. Além disso, vale acrescentar que a mulher do governador Franco Montoro, dona Lucy, usou o mesmo tipo de chapa quando foi a Leme visitar as famílias das duas vítimas fatais.”

Para os dois deputados, tudo foi articulado em Brasília. “Tanto é verdade”, diz Genoíno, “que nós fomos presos hora e meia depois, quando estávamos na Santa Casa. Ainda dissemos que tínhamos imunidades parlamentares, mas os policiais afirmavam que obedeciam a ordens superiores”. A prisão, de fato, foi uma medida do grau de despreparo da PM — que, se não demonstra respeito pelos direitos parlamentares, provavelmente também não leva em consideração os direitos de simples bóias-frias. Isso não prova, no entanto, que as ordens vieram de Brasília. Brossard soube dessa acusação petista minutos depois por um telefonema da Empresa Brasileira de Notícias, que ele atendeu de pé, atônito. Em seguida assentou-se e ditou a resposta: “Isto é grotesco. É delirante. Vai às raías do ridículo”, disse o ministro, em vez de mandar investigar de onde partiram ordens superiores para prender deputados.

**(Páginas 26 e 27)**